

As toalhas do Marinheiro

*José Antônio de Ávila
Sacramento e Ulisses Passarelli

Entre 23 e 26 de novembro de 1910 ocorreu, no Rio de Janeiro, a chamada Revolta dos Marinheiros, contra o uso da chibata e outras humilhações que vigiam no âmbito da Marinha Brasileira. O movimento ficou conhecido popularmente como a “Revolta da Chibata”. Os revoltosos deixaram a cidade em polvorosa. O perigo de bombardeio da cidade do Rio de Janeiro era iminente, já que dois encouraçados, o *São Paulo* e o *Minas Gerais*, e outros navios de guerra, em poder dos revoltosos, estavam ancorados na baía da Guanabara e faziam manobras. O governo, imprensa e os próprios rebeldes, apontavam como chefe da revolta o marinheiro de primeira classe, também timoneiro do encouraçado *Minas Gerais*, de nome João Cândido Felisberto.

João Cândido era o exemplo da imagem rude que se tinha dos marinheiros nacionais. Filho de ex-escravos, pai alcoólatra, era semi-analfabeto (lia, mas não escrevia), tinha mau comportamento e, freqüentemente, envolvia-se em confusões.

Um dos fatos que nos despertaram para a pouca atenção que damos ao nosso acervo foi o livro “Pontos e Bordados – Escritos de história e política”, de José Murilo de Carvalho (base para escrever o presente artigo, resumo do original, com algumas observações pessoais), que esteve visitando São João d’El-Rey e teve sua curiosidade aguçada por duas toalhas bordadas, conservadas no Museu Municipal Tomé Portes d’El-Rey (“Casa de Bárbara Heliadora”, Largo de São Francisco). José Murilo quando obteve a informação de que tais bordados foram feitos pelo marinheiro João Cândido Felisberto, aprofundou-se na investigação do fato.

Aquelas duas toalhas bordadas foram doadas ao Museu por Antônio Manuel de Souza Guerra, mais conhecido por “Niquinho Guerra”, pessoa envolvida com o desenvolvimento do teatro na nossa cidade (Cine Theatro Arthur Azevedo, quem ainda se lembra?!). “Niquinho” ainda vivia em 1985 e confirmou a história dos bordados para José Murilo de Carvalho e sua esposa. Em 1910 “Niquinho” era praça do 51º Batalhão de Caçadores de São João d’El-Rey (BC) e por ocasião da Revolta da Chibata o BC fora chamado ao Rio de Janeiro para auxiliar no patrulhamento da cidade. O 51º BC passou por Niterói, pelo Arsenal de Marinha e ficou encarregado da guarda dos presos da revolta de 22 de novembro de 1910, encarcerados na Ilha das Cobras. Entre aqueles presos estava o líder do movimento, João Cândido Felisberto. Antônio Guerra descia sempre aos porões onde ficavam os presos para conversar com eles, e assim fez amizade com João Cândido, de quem dizia ter-se tornado “uma espécie de amigo”. O que mais chamou a atenção de “Niquinho Guerra” foi o fato de o temido revoltoso João Cândido (que comandando seus marujos, assustara a cidade do Rio de Janeiro forçando o Governo buscar até a ajuda de tropas mineiras) “passar o tempo todo bordando”. Antônio Guerra nunca tinha visto um homem bordando e o primeiro que viu fora

logo aquele rude marinheiro! João Cândido lhe deu duas toalhas: uma com o tema “O adeus do marujo” e outra com a inscrição “Amôr”(sic). São estes dois bordados que se encontram, até hoje, no Museu.

Os bordados são feitos em linha cor de cinza e vermelho, em ponto-corrente, de aspecto rude, porém bem cuidado. O acabamento das bordas é feito de maneira simples em renda de abrolhos e franjas. O tecido, ao que aparenta, pode ser linho. São exemplos típicos de arte folclórica.

O bordado “O adeus do Marujo”, foi feito em formato de pequena toalha de rosto. Na parte superior, lado esquerdo, estão bordados as letras JCF (iniciais do Marinheiro). No centro, acima, o título “O adeus do Marujo”. À direita a palavra “ordem” e no centro, duas mãos se cumprimentam, interceptadas por uma âncora, ladeada por dois ramos (café e tabaco?). Abaixo da âncora, as iniciais F.D. Martins, possível referência a Francisco Dias Martins, outro *comandante* rebelde). Na parte inferior, do lado esquerdo, aparece a palavra “Liberdade” e, do lado direito a data “XXII de novembro de MCMX” (dia da revolta). Aparecem também, nos bordados, parte das mangas de fardas: uma manga é branca e tem nos pulsos galões e botões de Almirante, ao passo que a outra é de simples marinheiro. Quem seria o Almirante? A palavra “Liberdade”, na parte inferior do bordado é o que se espera de um rebelde... mas e a palavra “Ordem”? Como entendê-la na voz de um rebelde?

O outro bordado, “Amor de Marujo”, possui simbologia mais simples e mais intrigante: contém duas pombas erguendo pelo bico uma faixa que traz a inscrição “Amôr”(sic); logo abaixo um coração, atravessado por uma espada, jorrando sangue pelos ferimentos; ao lado, flores, borboletas e um beija-flor, sem nomes nem datas.

“Em sua forma ingênua, em seu rico simbolismo, as toalhas de São João d’El-Rey nos bordam um João Cândido maior do que o construído por seus detratores e mais autêntico do que o mitificado por seus admiradores” escreveu em seu livro José Murilo de Carvalho. É necessário ler este livro, editado pela Editora UFMG em 1998 e que, em 1999 teve a sua 1ª reimpressão. O livro nos traz um pouco da “alma” de João Cândido, além de outros excelentes ensaios e crônicas a respeito de temas importantes para o Brasil. É necessário, também, que os são-joanenses, e não apenas os turistas, visitem nossos museus, como o Tomé Portes d’El-Rey e observem, dentre outras preciosidades, as toalhas, testemunhos vivos de sentimentos apaixonantes de um personagem de nossa história recente, revoltoso, mas, também, portador de um coração de grande humanidade. São estes os três objetivos imediatos deste nosso artigo: que leiam o excelente livro, que conheçam os bordados do Marinheiro - relíquias históricas esquecidas num Museu de nossa São João d’El-Rey – e que nossos conterrâneos dêem o devido valor ao nosso expressivo acervo cultural.

* ambos do Instituto Histórico e Geográfico de São João d’El-Rey

“É necessário
que os sanjoanenses
visitem nossos museus”

Jornal Gazeta de São João del-Rei
São João del-Rei/MG, edição 63, de 02 de outubro de 1999, pág. 4